

É urgente se posicionar na geopolítica econômico-climática

» PAULO HARTUNG

Economista, presidente executivo da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) e ex-governador do Espírito Santo

» JOSÉ CARLOS DA FONSECA JR.

Presidente da Empapel e cofacilitador da Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura

O mundo enfrenta hoje cenário desafiador e sombrio, com duas guerras conflagradas, grave tensão entre Estados Unidos e China, além da emergência climática. No caminhar sobre solo instável, enquanto as discussões nas Conferências do Clima avançam lentamente, alguns países ou blocos criam soluções unilaterais, impondo suas certezas ao globo.

A União Europeia tem criado exigências duras, controversas e, muitas vezes, contaminadas por protecionismo, tomando para si o papel de potência regulatória global. Parte do conhecido Pacto Ecológico Europeu (ou Green Deal, em inglês), a Regulamentação da União Europeia para Produtos Livres de Desmatamento (EUDR) é exemplo disso ao estabelecer obrigação de diligências para que diversas commodities comprovem que não são produzidas em terras desmatadas.

Por outro lado, os Estados Unidos, por meio do IRA (Inflation Reduction Act, em inglês), pretendem impulsionar seus objetivos climáticos e reforçar a segurança energética via incentivos financeiros à economia verde — US\$ 360 bilhões, já cancelados pelo Congresso daquele país.

O desenho de uma nova geopolítica econômico-climática vem ganhando contornos de realidade. Os grandes players já estão se posicionando e, a preço de hoje, o Brasil está ficando para trás. A negação a esses movimentos geopolíticos só pode resultar em grilhões que atrasarão ainda mais o país frente ao mundo. O Brasil precisa agir. Trata-se de assunto de Estado, que mira as futuras gerações de brasileiras e brasileiros.

É importante ressaltar que os esforços que coíbam o desmatamento são muito bem-vindos, mas as novas regras criadas na Europa, por exemplo, estabelecem metodologias de controle extremamente burocráticas e impõem dificuldades operacionais para as empresas. Tais dificuldades se traduzirão em custos que podem comprometer a concorrência equitativa. Quadros regulatórios como esses vão afetar, principalmente, as vendas das commodities mais relevantes da pauta da exportação brasileira, como soja, minério de ferro, carnes, açúcar, milho, celulose e café. O Brasil precisa se mexer para pelo menos

participar da regulamentação operacional dessas normas. A relação do país com o mercado externo é o que nos permite ter um agro pujante, gerador de empregos e divisas. Já temos modelos bem consolidados de setores que são líderes globais, aliando produtividade, inovação e sustentabilidade.

Entre as várias experiências notáveis no Brasil, uma delas é o setor de árvores cultivadas que preza pelo uso inteligente da terra, com respeito à natureza e cuidado com as pessoas. Planta, colhe e replanta árvores para fins industriais, e vem se expandindo sobre áreas já anteriormente degradadas e com baixa produtividade — hoje, totalizando 9,94 milhões de hectares de cultivo. Esse setor ainda conserva outros 6,73 milhões de hectares, uma extensão maior do que o estado do Rio de Janeiro. Competitiva, essa agroindústria é a segunda produtora global de celulose e a maior exportadora dessa commodity.

Temos ativos ambientais monumentais, decisivos para a mitigação das mudanças do clima; uma agricultura moderna, cada vez mais sustentável; e uma competente legislação para coibir a degradação ambiental. Frente a tamanhas vantagens ambientais e produtivas, o país não pode perder a oportunidade de estar entre as lideranças da nova economia verde.

Como parte dos esforços para remediar o tempo perdido, o Brasil precisa intensificar sua atuação em Bruxelas, uma tarefa apropriada para a diplomacia presidencial. A União Europeia ainda não compreende o significado das particularidades e riquezas do Brasil.

É fato que o país tem dever de casa. Precisamos seguir combatendo as ilegalidades, como o desmatamento, o garimpo e a grilagem, que corroem nossos ativos ambientais e penalizam mais de 25 milhões de brasileiros que vivem na região amazônica. Mas também é urgente a atuação do Brasil de forma enérgica nas discussões sobre essas novas regulamentações, a fim de participar de processos que impactarão nossa economia e evitar que aceitemos, de forma passiva, medidas unilaterais disfarçadas sob o manto da sustentabilidade.

O planeta busca por fornecedores estáveis, confiáveis e sustentáveis de soluções que possam prover energia limpa, alimentos e outros produtos e serviços. Trata-se de chance histórica para o Brasil demonstrar seu potencial ao mundo e transformar oportunidades em ganhos, fazendo da economia de baixo carbono e das necessidades mundiais um motor para nosso desenvolvimento.

VSR: casos no DF alertam para prevenção

» LUCIANA DE FREITAS VELLOSO MONTE
Pneumologista pediatra do Hospital da Criança de Brasília e professora de pediatria da Universidade Católica de Brasília

O vírus sincicial respiratório (VSR) é um agente patogênico que afeta principalmente o sistema respiratório, causando infecções que variam de leves a graves, principalmente em bebês. A bronquiolite é uma das apresentações clínicas mais conhecidas. Vamos explorar, aqui, as principais medidas preventivas amplamente disponíveis no Brasil na luta contra o VSR.

Até os 2 anos, quase 100% das crianças já foram infectadas pelo VSR, dada a sua alta frequência e sua facilidade de contágio. De acordo com os boletins epidemiológicos do Distrito Federal, só neste ano, foram registrados mais de 1.500 casos de infecção respiratória pelo VSR. Esse foi o vírus mais detectado nesses casos entre os meses de fevereiro e abril de 2023.

Todos os anos, especialmente no período da sazonalidade viral, as infecções respiratórias levam a uma superlotação dos hospitais e pronto-atendimentos e à sobrecarga dos profissionais da saúde, além do sofrimento das crianças e das suas famílias. Essas infecções geram um grande impacto na saúde pública e devem ser tratadas com prioridade máxima em todo o mundo, especialmente em países em desenvolvimento.

As pessoas infectadas com o VSR podem apresentar sintomas nasais, tosse, rouquidão, febre, prostração, dificuldade para respirar, chiado no peito, entre outros. O quadro costuma melhorar em cerca de sete a 10 dias. Uma menor parte das pessoas, especialmente os bebês, pode evoluir para uma insuficiência respiratória grave, cianose e até mesmo o óbito.

Ainda não existe um tratamento específico para os quadros de infecção pelo VSR. O tratamento, então, visa promover o suporte clínico e respiratório enquanto a infecção durar, com o objetivo de aliviar os sintomas, de acordo com a necessidade de cada caso — por exemplo, lavagem nasal, antitérmicos e hidratação.

Em casos graves, com insuficiência respiratória, faz-se necessário o uso de oxigênio suplementar para garantir uma adequada oxigenação do organismo ou mesmo o uso de outros tipos de suporte ventilatório. Essa abordagem é frequentemente usada em hospitais e requer monitoramento médico contínuo. Dessa forma, é essencial estarmos atentos às formas de prevenção contra esse vírus para evitar o contágio, a transmissão e o adocimento.

Uma das melhores formas de evitar a propagação do VSR é adotar medidas preventivas, como a lavagem regular e completa das mãos, especialmente antes de interagir com bebês e crianças. A “etiqueta respiratória”, para evitar a propagação de gotículas contaminadas, também é uma medida muito importante. Devemos evitar o contato próximo com pessoas doentes e aglomerações, além de limpar e desinfetar regularmente superfícies e objetos tocados com frequência, como maçanetas e brinquedos. A promoção da amamentação, alimentação saudável, higiene adequada do sono, bem como evitar o tabagismo, também são medidas que contribuem para reduzir infecções.

Em associação às medidas preventivas gerais, há a imunoprofilaxia do VSR para os bebês de maior risco de infecção grave, como os prematuros ou aqueles com doença cardíaca ou pulmonar. Vacinas estão sendo desenvolvidas e, certamente, vão contribuir muito para o controle desse vírus. No Brasil, o Ministério da Saúde disponibiliza, no Sistema Único de Saúde (SUS), o palivizumabe, que é uma imunoprofilaxia com anticorpos contra o VSR, uma medida bastante eficaz na prevenção de infecção grave por esse vírus nos grupos de risco. Esse medicamento também se encontra disponível pela rede de saúde suplementar, com a cobertura pelos seguros de saúde.

O Distrito Federal e alguns estados brasileiros oferecem a cobertura ampliada da imunização, de acordo com as diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria, protegendo os bebês prematuros de até 31 semanas e 6 dias de idade gestacional. A imunização com o palivizumabe começou em 2014 no DF e alcançou o maior patamar em 2023 — nesse período de 10 anos, o total de crianças imunizadas chegou a 764.

Em conclusão, o VSR é uma ameaça significativa para bebês e crianças. Embora não haja um tratamento específico para esse vírus, a aplicação de medidas preventivas adequadas ajuda a minimizar sua incidência e gravidade. Em todas as circunstâncias, é fundamental buscar orientação médica para garantir um tratamento adequado e seguro. A alta porcentagem no número de casos no DF e em todo o Brasil acende o alerta da necessidade de um olhar cuidadoso para esse grande problema de saúde pública.

Desapegos, uma boa ideia

» ISAAC ROITMAN

Professor emérito da UnB, pesquisador emérito do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e do Movimento 2022 – 2030 O Brasil e o Mundo que queremos

O sentimento de apego faz parte da experiência humana e pode se manifestar de várias formas ao longo da vida. Pode se manifestar em várias dimensões, como o apego aos pais, familiares e amigos, como também aos bens materiais, ao poder e a crenças e ideias. Em muitos casos, o excesso de apego pode levar a problemas emocionais, relacionais e físicos. A prática do desapego envolve aprender a liberação de apegos que não estão contribuindo de forma positiva para sua vida ou para o seu bem-estar. Ele pode ser individual ou coletivo.

O desapego é um conceito que tem origem na filosofia e nas tradições espirituais. É um princípio importante no budismo, na fé Bahá’í, no hinduísmo, no catolicismo, no jainismo, no estoicismo e no taoísmo. Rajneesh Chandra Mohan Jain (1931-1990), também conhecido como Bhagwan Shree Rajneesh ou Osho, foi um líder espiritual indiano, que assim se expressou: “Todas as nossas misérias e sofrimentos não são nada mais do que apegos. Toda a nossa ignorância e escuridão é uma estranha combinação de mil e um apegos. Nós estamos apegados a coisas que serão levadas no momento da morte, ou mesmo, talvez, antes. Pode estar muito apegado ao dinheiro, mas pode ir à bancarrota amanhã. Pode estar muito apegado ao seu poder e posição, mas eles são como bolhas de sabão. Hoje, eles estão aqui; amanhã, eles não deixarão nem um traço”.

Entre as décadas de 1950 e 1960, o psicólogo britânico John Bowlby tinha interesse em

compreender a ansiedade de separação e o estresse sentido pelas crianças quando essas estavam distantes de seus pais ou cuidadores. De acordo com Bowlby, o apego seria um fenômeno que surgiu em um contexto evolutivo, tendo em vista que o cuidador proporciona segurança à criança.

Sendo assim, o apego seria uma característica que melhora significativamente a chance de sobrevivência da criança. Por isso, quando a criança está com medo ou sentindo alguma emoção negativa, ela tende a ir atrás do seu cuidador primário em busca da sensação de segurança. Esse processo de formação do apego gera registros afetivos que influenciam as pessoas em fases posteriores de sua vida. Assim, Bowlby explica que a família tem o papel fundamental na sensação de estabilidade dos laços afetivos desenvolvidos pela criança que as levaram para o resto da vida.

Na infância, na adolescência e mesmo na vida adulta, podemos desenvolver apegos a bens materiais, a competição, a sensação de poder, a prazeres sensoriais, a ideologia, ao egocentrismo, a um partido político ou a um time de futebol etc. Qualquer que seja a dimensão do apego, ele nunca leva à plena felicidade. De acordo com os ensinamentos budistas, o apego é uma das principais causas do sofrimento humano, juntamente com a aversão e a ignorância e a superação do apego seria o caminho para alcançar a iluminação e para a libertação do sofrimento.

Os ensinamentos budistas sobre o desapego

podem ser aplicados no cotidiano, independentemente de alguém ser ou não budista. Algumas práticas e atitudes que podem ajudar a desenvolver o desapego incluem: 1) Praticar a atenção plena: Incorporar a atenção plena em atividades diárias, como meditação, respiração consciente e observação das emoções e pensamentos, pode ajudar a desenvolver uma maior consciência do apego e promover o desapego; 2) Cultivar a gratidão: Praticar a gratidão diariamente pode ajudar a desenvolver uma atitude de apreço e contentamento, em vez de se concentrar no que está faltando ou no desejo de possuir mais; 3) Desenvolver a compaixão: Praticar a compaixão pelos outros e por si mesmo pode ajudar a reduzir o foco no ego e nos desejos pessoais, promovendo uma maior conexão e empatia com os outros; 4) Simplificar a vida: Reduzir o apego material pode envolver simplificar a vida, desapegando-se de posses desnecessárias e priorizando experiências e relacionamentos significativos; 5) Aceitar a impermanência: Reconhecer e aceitar a natureza impermanente da vida, das emoções e das relações pode ajudar a desenvolver uma atitude de desapego e a apreciar o momento presente.

Ao incorporar essas práticas e princípios do budismo, é possível desenvolver uma maior consciência e habilidade para lidar com o apego, levando a uma vida mais equilibrada, feliz e significativa. Assim, aderir aos desapegos, julgo ser uma boa ideia.